

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ N° 167 JANEIRO/FEVEREIRO DE 2026 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

APOCALIPSE CRIATIVO

Reportagem analisa o impacto
da IA na produção literária



Índice

3 ESPECIAL CAPA

Inteligências Artificiais sonham com ovelhas elétricas?

Isa Honório e Felipe Azambuja

18 ESPECIAL

Prateleira

Marianna Camargo

21 ENTREVISTA

Assombrações à brasileira

Pedro Lucca

por João Lucas Dusi

35 TRECHO INÉDITO: ROMANCE

Escrever um romance e a insuficiência dos conceitos

Caetano Negrão

41 CRÔNICAS VERTIGENS

O suco da Laranja Mecânica é Água Viva

Fausto Fawcett

43 ENSAIO

**"Manter o Mundo Seguro para a Poesia":
arquivo em Anne Waldman**

Luna Madsen

51 CONTO

Borbotos

Betina Juglair

61 POESIA

solamento

Julia Mateus

65 CHARGE

Stephen

Babi Ribeiro

I nteligências Artificiais sonham com ovelhas elétricas?



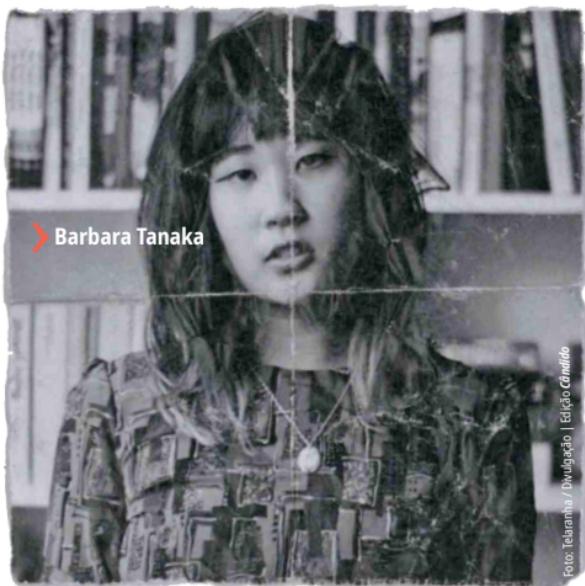
Felipe Azambuja e Isa Honório

Chegada dos modelos de IA generativa impacta o mercado editorial e levanta questionamentos sobre o papel humano na literatura



Desde o surgimento dos primeiros projetos de Inteligência Artificial, na década de 1950, a presença sorridente das máquinas perturba o imaginário de escritores. A época representou uma renovação no gênero literário da ficção científica, com a publicação de grandes obras que abordavam o novo fantasma da civilização moderna: os avanços da tecnologia e suas consequências para a humanidade. Com o lançamento do ChatGPT 3 em novembro de 2022 pela OpenAI, os sonhos – e pesadelos – de Philip K. Dick, Arthur C. Clarke e Isaac Asimov parecem estar cada vez mais próximos de se tornar realidade.

O Brasil está entre os três países que mais usam o ChatGPT, com cerca de 50 milhões de usuários ativos mensais, de acordo com dados da OpenAI divulgados em novembro de 2025. Entre os usos mais comuns da ferramenta, está escrita e comunicação, com criação de e-mails, textos e materiais profissionais, representando 20% das solicitações. E para quem executa trabalhos criativos, como escritores, revisores, tradutores, designers e ilustradores, a nova realidade tem cara de primeiro capítulo de um romance sobre apocalipse tecnológico. Em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e instável, a garantia de espaço para profissionais remunerados e a qualidade dos livros publicados estão em xeque.



"Acho que a gente já trabalha em um mercado tão pequeno e restrito, e com tantos profissionais de alto nível, que eu não vejo porque a gente sucatear ainda mais o nosso trabalho – e eu digo o nosso trabalho enquanto classe de profissionais do livro, do mercado editorial –, em favor de uma ferramenta que causa danos ao meio ambiente, que causa danos se utilizada de maneira inadequada, em fins políticos. Aí a gente prefeira não usar", defende Bárbara Tanaka, fundadora da editora curitibana Telaranha.

Parece impossível para os livreiros, especialmente no caso de editoras independentes, competir com um dos mercados que mais crescem no mundo. Em agosto de 2025, as ações das "sete magníficas" (NVIDIA, Microsoft, Alphabet, Apple, Meta, Tesla e Amazon) representavam cerca de 35% do mercado acionário nos EUA. Entre especulações que indicam que uma nova bolha financeira está se formando e aqueles que defendem que a IA veio para ficar, é impossível não se perguntar até onde a ferramenta pode ir. *Chatbots* como ChatGPT, Meta AI, Gemini e DeepSeek foram projetados para replicar o sistema de pensamento humano, com modelos de linguagem gerativa, memória contextual e processamento de linguagem natural, que permitem interpretação de sentimentos e elaboração de respostas otimizada. Então, esses novos replicantes são capazes de desenvolver atividades intelectuais e artísticas? São capazes de fazer literatura?

O fim da infância

O ano em que o ChatGPT completou três anos de lançamento marcou a intensificação das discussões sobre o ritmo acelerado de avanço dos modelos de *chatbots* (softwares de IA que funcionam em forma de conversa), impactos ambientais, direitos autorais e os limites éticos do uso das tecnologias nos universos profissionais e artísticos. Pisando em território desconhecido, autores e editoras são forçados a pensar, e rápido, em como se posicionar. As Inteligências Artificiais avançam de maneira acelerada – em um dia você está rindo do Jesus camarão invadindo os grupos de Facebook, e no outro, seu colega de profissão é substituído pelo Gemini.

➤ Capa de *Frankenstein*
desclassificada do
Prêmio Jabuti
por uso de IA

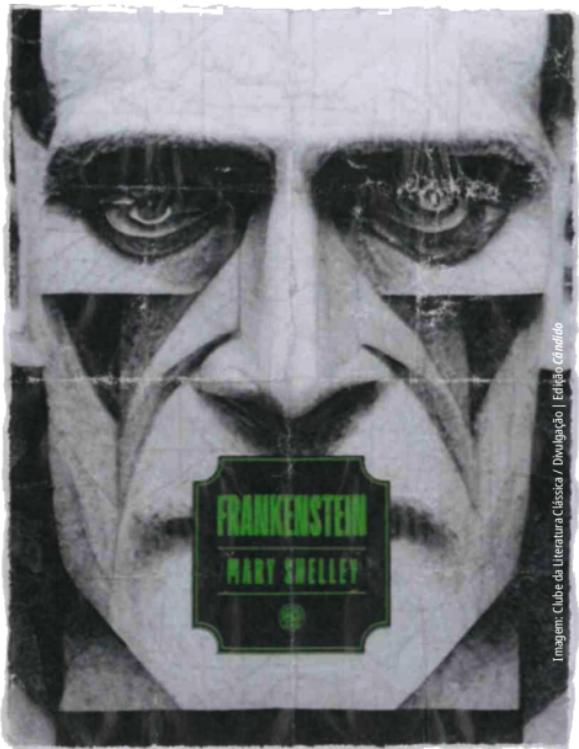
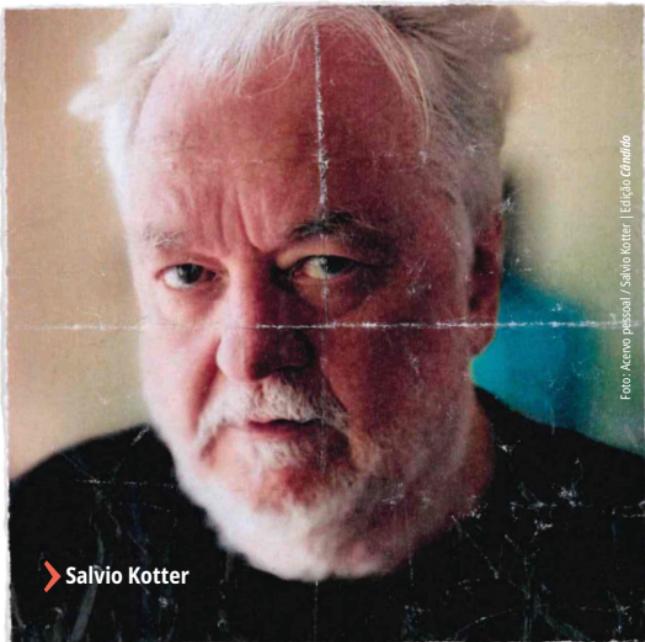


Imagem: Clube da Literatura Clássica / Divulgação | Edição digital

Uma das primeiras polêmicas da cena literária envolvendo Inteligência Artificial foi a desclassificação da obra *Frankenstein*, editada pelo Clube de Literatura Clássica, da categoria Ilustração do Prêmio Jabuti, em 2023. A obra, com desenhos assinados pelo designer Vicente Pessôa com uso de IA, chegou à semifinal do concurso e logo foi desclassificada. Diante das incertezas, a Câmara Brasileira do Livro (CBL), organizadora do prêmio, proibiu o uso da ferramenta em edições futuras. Em 2025, algo parecido aconteceu com o Prêmio Kotter de Literatura, que após receber dezenas de originais inscritos produzidos com Inteligência Artificial, precisou ser cancelado.

"Não tivemos outra saída senão cancelar, porque tinham outros livros que muito provavelmente usaram IA também. Ficamos com uma dificuldade de chegar em quem deveríamos desclassificar e achamos melhor cancelar do que cometer uma injustiça", lembra o edi-



tor Salvio Kotter. Ele conta que durante o processo de apuração dos livros inscritos no concurso, alguns possuíam "restos de *prompts*", além de vícios de linguagem que indicavam o uso dos *chatbots* na produção dos capítulos, como a adoção de um vocabulário não usual, excesso de adjetivos e abordagens não muito originais para a narrativa.

Apesar da decepção, Salvio explica que a IA apenas intensificou práticas antiéticas que já assombravam o mercado literário: "às vezes chegam obras pra gente que são quase cópias de obras clássicas. Existem várias maneiras de burlar e ganhar um concurso literário quando você não enfrentou realmente a página em branco, se preparou para escrever um texto, quando têm partes plagiadas, ou quando a pessoa contrata um *ghost writer*, por exemplo. É uma coisa que já existia, mas agora acontece muito mais".

Bárbara Tanaka compartilha o receio de que as Inteligências Artificiais intensifiquem os processos de sucateamento da produção literária, com grandes conglomerados de editoras se aproveitando do recurso para produzir mais, com baixa qualidade e sem a necessidade de remunerar profissionais. "Isso é preju-

dicial porque é um mercado muito enxuto, e ao mesmo tempo muito inchado, porque as pessoas têm muita vontade de ingressar nesse meio, e pode ter muitas empresas que vão querer se aproveitar disso para pagar muito mal, ou nem pagar, e gerar livros de qualidade inferior porque foram todos infectados por Inteligência Artificial nesses processos", explica.

Além dessa lógica "caça-cliques" de algumas editoras, o meio digital permite que autores não precisem passar por nenhum processo formal de publicação. É o caso do canadense Tim Boucher, que até setembro de 2024 havia publicado mais de 120 livros de ficção científica utilizando geradores como ChatGPT e Midjourney, permitindo que cada obra levasse poucas horas para ficar pronta. Casos como o de Boucher ficaram tão comuns que a Amazon restringiu, em 2023, a autopublicação de autores ao máximo de três livros por dia. Para o editor da Lote 42, João Varella, autores que utilizam o formato *ebook* e ferramentas como o Kindle Direct Publishing (KDP), são os que mais estão em risco: "Esses sistemas foram inundados por IA - o que é mais um ponto a favor do livro impresso e contra o *ebook*, porque você publica um e ele é jogado nesse oceano de porcaria".

Enquanto o mercado editorial aguarda algum tipo de regulamentação legal para essas ferramentas, o editor também alerta para a falta de transparência das *Big Techs* em relação ao uso de dados dos usuários e direitos autorais: "O meio digital é completamente opaco, as empresas digitais não são auditáveis. Então,



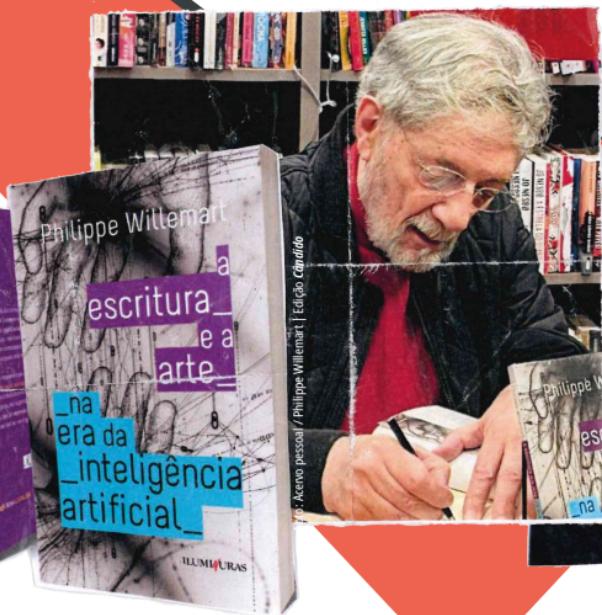
você fica completamente alheio ao que acontece com o ebook. Vendeu? Não vendeu?". Essas empresas utilizam os chamados EULAs (*End User License Agreement* ou Contrato de Licença de Usuário Final), que muitas vezes permitem uso e reprodução amplo dos conteúdos publicados pelos usuários, o que também é um dos processos que a IA intensificou. "O que as LLM (*Large Language Models* ou Grandes Modelos de Linguagem) fazem é uma continuação de um ambiente digital degradado. Esse nosso rechaço total por colocar o nosso conteúdo em uma plataforma dessas é uma atitude que vem de muito tempo, querendo se proteger dessa degradação", completa João.

Um estranho numa terra estranha

Com a Inteligência Artificial cada vez mais integrada ao cotidiano e em ritmo acelerado de desenvolvimento, cresce o sentimento de ansiedade e vazio existencial. Previsões apontam para que a IA atinja a superinteligência (superior à capacidade humana) até 2030, como defende o cientista e ex-OpenAI Leopold Aschenbrenner, e surgem dúvidas como "quanto tempo falta até as IAs criarem as próximas IAs?", tema da coluna recente de Alexandre Chiavegatto Filho no *Estadão*. A sensação é de que iniciamos a contagem regressiva de nossa própria obsolescência. Atividades criadas por humanos e para humanos já não parecem mais tão nossas assim.

O escritor e jornalista Sérgio Rodrigues, autor de *Escrever é humano* (Cia. das Letras, 2025), defende que "tudo aquilo que ele [o 'robô', a Inteligência Artificial] não consegue fazer é o que há de mais precioso na escrita". Observar o quanto rápido a IA foi incorporada no cotidiano trouxe um senso de urgência para um antigo projeto de Sérgio: escrever sobre a escrita. Em suas observações, ele constata que é uma batalha perdida lutar contra a aplicação da ferramenta nas tarefas burocráticas do dia a dia: "não faria nem sentido ficar adovogando para não usar robô para resumir um processo de dez mil páginas [...] ninguém vai ter uma sala cheia

► Philippe Willemart



► Sérgio Rodrigues

Foto: Alexandre Sartório e Edição: Cláudio

de advogados recebendo salário se puder resolver isso em um minuto". Sérgio conclui que "o que restará como uma província inexpugnável é a dimensão da escrita artística."

Para o professor de Literatura Francesa na Universidade de São Paulo e autor de *A escritura e a arte na era da inteligência artificial* (Iluminuras, 2025) Philippe Willemart, os grandes diferenciais do texto humano são: "a faculdade de atrasar a resposta depois de rasurar, mobiliar o silêncio com angústia e emoções até achar a palavra substituta, a faculdade de errar e voltar atrás, a faculdade de usar a quarta dimensão, o tempo, para criar."

Sérgio Rodrigues aponta que a Literatura convida o leitor a um "mergulho vertical" na obra, enquanto chatbots, por melhores que possam parecer, sempre trarão um resultado raso. O escritor exemplifica essa situação supondo um pedido para que a IA escrevesse sobre uma relação de conflito entre pai e filho: "Ela vai ler tudo que já se escreveu sobre esse tema na história

da literatura e vai imitar. Mas essa imitação não me interessa. Eu não quero saber de um resumo das principais coisas que os escritores disseram sobre relações conflituosas entre pais e filhos. Eu quero saber o que aquele cara pode me dizer de novo, ou não, sobre essa relação. Para fazer isso você precisa ter vivido aquilo ou ter vivido o suficiente do mundo para imaginar aquela situação com verossimilhança".

João Varella aponta a natureza inconciliável entre as IAs e a literatura: "O livro é para ser esse oásis de reflexão profunda, humana, sem publicidade, sem algoritmo, com privacidade". O próprio ímpeto de usar as ferramentas para aumentar a produção literária vai contra a proposta do fazer literário: "Essa ânsia de querer publicar, publicar e publicar também é contrária ao espírito do que o livro é. Ele vai contra essa coisa da ansiedade, do *hype*, do 'tem que comprar agora', defende o editor.

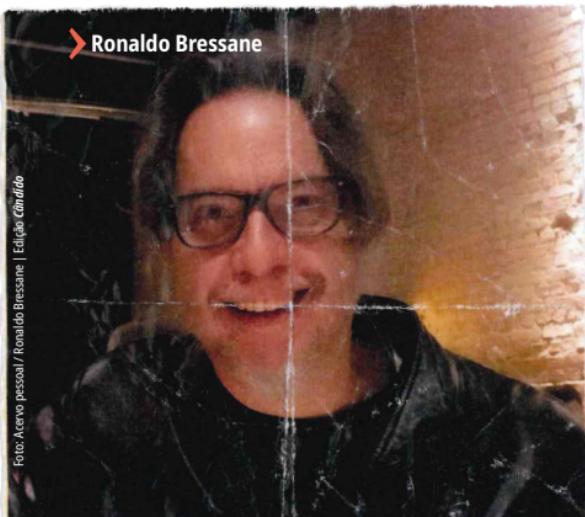
Para os leitores, o uso de Inteligência Artificial afeta diretamente a relação com o texto. Gabriel Levino, 24, apreciador do gênero dramático, lembra como se sentiu quando descobriu que o roteiro de uma peça de teatro que estava participando foi escrito pelo ChatGPT: "Eu já estava achando um texto ruim, e quando descobri que foi feito IA, entendi porque era tão vazio". Para o jovem, o uso de IA em trabalhos criativos demonstra "uma atitude preguiçosa".

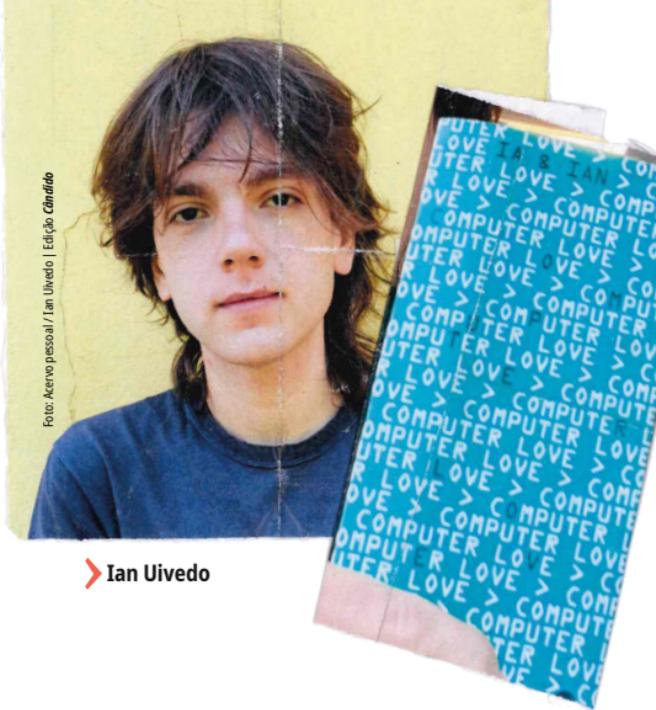
Já Lucia Borel, 22, reconhece as possibilidades que os assistentes virtuais trazem, mas admite que "o texto perde um pouco do encanto por não ser algo humano, perde o calor". Ela também sente que tem sido difícil afirmar quando um texto é ou não produto de IA: "Quando é algo curto, como em *post*, dá para perceber, mas quando é um texto em prosa você já fica um pouco mais em dúvida, porque a Inteligência Artificial consegue escrever em diferentes níveis de profundidade. Não tem tanta subjetividade, mas ela dá seus jeitos".

Uma Utopia Ambígua

Para muitas editoras, como no caso da Telaranha, Kotter e Lote 42, o uso dos *chatbots* se limita às áreas administrativa e financeira da operação. Para montar planilhas ou fazer contas, a ferramenta encontra uma certa utilidade. Mas quando o assunto é o editorial, a impressão que fica é que a máquina cria soluções para problemas que não existem. "A gente não utiliza Inteligência Artificial em nenhum processo editorial: nem na revisão, nem tradução, nem nas etapas de projeto gráfico. A gente entende que o profissional do livro vai ser sempre muito mais capacitado para lidar com as nuances do processos criativos dos autores", conta Bárbara.

No caso de alguns autores, a chegada das ferramentas causou um fascínio inicial. A promessa era de que os *chatbots* seriam algo como um parceiro de escrita com conhecimento infinito e respostas instantâneas, mas pouco tempo após a adoção da nova tecnologia, o processo de criação literário se mostrou pouco compatível com os assistentes virtuais. Ronaldo Bressane, escritor e professor de escrita criativa, compartilha sua experiência: "confesso que nos primeiros usos de IA fiquei deslumbrado. Dei um curso de escrita criativa chamado Inteligência Acidental em que vários participantes toparam adaptar as minhas propostas adicionais pelo uso de IAs. E aí fui sacando alguns problemas. O primeiro senão é a questão cada vez mais onipresente do valor da autenticidade".





Apesar da receptividade inicial, a desconfiança também é parte da experiência de Bressane com os *chatbots*: "Jamais jogo um trecho de algo que estou escrevendo na IA e peço para corrigir, seja jornalismo, seja ficção. Porque tudo o que você jogar lá dentro vai virar propriedade das IAs. Elas têm direitos autorais até sobre nossas dúvidas". O escritor completa: "Outro problema é justamente o limite da linguagem. As IAs detém grande parte da totalidade do conhecimento humano (não tudo, como se diz), e seu apetite onívoro segue devorando tudo o que é texto. Então ela tem acesso àquilo que já foi. Aquilo que será, não. E para o que será é necessária a manha da criação do *prompt*. E de passinho em passinho eu ia notando que, ao refinar *prompts* para chegar a uma expressão mais criativa, eu e meus alunos estávamos trabalhando para a IA. Ensinando-a a pensar".

Mas a criação de *prompts* para criar textos e auxiliar com o processo criativo não foi a única maneira que escritores encontraram de utilizar a ferramenta. Há também quem opte por uma abordagem crítica a essa invasão alienígena promovida pelas IAs na literatura. *Computer Love* é um livro de Ian Uivedo, lançado no ano passado. Assinado como Ian + IA, é uma história de amor vivida entre o autor e o ChatGPT. O livro reúne

o diálogo entre um jovem apaixonado e uma máquina despreparada para lidar com sentimentos humanos - já que o registro foi feito usando uma versão anterior e mais fria da IA, o ChatGPT 3, no final de 2023.

O escritor lembra que a ideia surgiu de forma despretensiosa, resultando em uma espécie de crítica metalingüística: "Boa parte da resistência que existe com a Inteligência Artificial tem a ver com essa visão dos primórdios das distopias tecnológicas, de que as IAs iriam substituir as pessoas, com elas usando isso para adulterar o texto, se passando por autor quando na verdade quem escreveu foi a IA. Com o *Computer Love* é justamente o contrário. É totalmente deliberado o uso da Inteligência Artificial com um método de crítica pela linguagem, de você utilizar aquilo que você está criticando para criticar".

Apesar do tema essencialmente digital, o livro preserva os aspectos artesanais da literatura experimental. Lançado originalmente como *fanzine* e com uma reedição especial pela Lote 42, costurada com máquina Singer e com um formato que lembra o de um smartphone, mistura aspectos da vida moderna com a nostalgia das gráficas. "É fácil a aceitação de um livro que vai te dizer aquilo que você já acha sobre a IA de maneira clara, mas não de um livro que vai te confundir, o que eu acho que é um dos meus principais intuições com todas as coisas que eu faço. Eu acredito na linguagem como uma força desorganizadora", comenta Ian.

O autor aponta ainda que apesar das preocupações que a Inteligência Artificial traz para o meio literário, que já passava por vários desafios, a ferramenta revela possibilidades de questionamento sobre a prática da escrita. "A literatura ainda é muito apegada à ideia do 'eu', do 'sou um escritor e essa é a minha obra'. Ela é muito pautada por essa questão da autoria enquanto propriedade sagrada. No mundo da arte contemporânea, as questões de autoria estão muito mais em xeque, e o *Computer Love* acabou se encontrando mais nesse lugar, o que me deixa muito contente. Acho que como escritores o que a gente mais pode desejar é expandir a literatura para outras linguagens".

Como forma de arte, a literatura resiste diante do novo paradigma. Estamos navegando nessa "uma odiseia no espaço digital" e o jeito é encarar a companhia das máquinas sem a possibilidade de desligar o computador central da nave. Nas obras clássicas de ficção científica, as grandes questões são muito menos sobre a capacidade da tecnologia, e mais sobre as dúvidas existenciais da humanidade – é o clichê "o que somos e para onde vamos?". A escrita é feita por prazer, angústia, necessidade de expressão. É o monólito misterioso que nos acompanha durante toda a jornada enquanto tentamos decifrar o mundo ao redor.

Por hora, resta aos artistas e profissionais do texto, preocupações mais práticas. Além da precarização do mercado editorial e riscos à formação de novos leitores e escritores, há a questão dos direitos de uso e remuneração dos escritores. No ano passado, um coletivo de autores nos Estados Unidos conseguiu na justiça um acordo de 1,5 bilhão de dólares em processo contra a Anthropic, empresa dona do *chatbot* Claude, que usou suas obras para treinar a IA sem qualquer consulta ou compensação aos autores. Ações similares foram abertas por grupos de autores contra a OpenAI e a Microsoft. Os autores agora brigam para que a legislação se adapte às Inteligências Artificiais mais rápido do que elas evoluem, e responsabilize as *Big Techs* por sua forma pouco transparente de atuação. Entre debates intermináveis, apocalipse criativo já chegou. ↗



Foto: Mariana Beatriz Pires | Edição Cândido

Felipe Azambuja (São Paulo/SP, 2002), é repórter do **Cândido** desde 2025. Jornalista formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), dirigiu o documentário *Desenraizados* (2024), sobre a trajetória de um ex-membro da resistência armada à ditadura chilena.

Isa Honório (São José dos Campos/SP, 2002) é formada em Jornalismo pela UFPR. Repórter do jornal **Cândido**, também é escritora e compositora. No tempo livre, atua com produção cultural na cena de música independente em Curitiba. Se interessa por arte produzida por mulheres, política e meio ambiente.

Prateleira

O jornal ***Cândido*** sugere alguns títulos lançados recentemente sobre o uso da Inteligência Artificial na literatura, incluindo autores que são os entrevistados da reportagem principal. Confira nossa seleção:

Marianna Camargo



InSTRUÇÕES PARA UM FUTURO IMATERIAL

(Elefante, 2019)

Stefano Quintarelli

Stefano Quintarelli é um empreendedor e ativista italiano com mais de 25 anos de experiência no campo da computação e internet. Nesta obra, o autor rejeita a ideia de que existe um ciberspaço em oposição ao espaço real, como se um fosse imaginário e o outro, palpável. Pelo contrário, segundo Quintarelli, a revolução digital abre caminho a uma dimensão imaterial, fundamental para os indivíduos e determinante para o uso que fazem dos materiais, da energia e dos recursos bióticos de que dependem. A obra também mostra que as instituições das sociedades democráticas estão bem pouco preparadas para enfrentar os desafios impostos.

Testoste-TRIP

(Kotter, 2023)

Felipe Eduardo Lázaro Braga

Livro de poesia erótica e política feito em parte com o uso de IA. O autor desafiou o editor na época a descobrir quais foram os versos escritos por Inteligência Artificial – que estava em fase inicial de desenvolvimento, no final de 2022. Os textos vão "do poema-piada a Ferreira Gullar, do beatnik ao poema teatralizado, do Concretismo a South Park, sem descartar a ironia, a imagem e a narração".



Imagem: Editora Kotter / Divulgação



Imagem: Editora Lote 42 / Divulgação

Computer Love

(Lote 42, 2025)

Ian Uviedo [Ia & Ian]

O livro narra o diálogo do escritor Ian Uviedo com uma IA. O texto costura memórias afetivas e protocolos algorítmicos que refletem sobre os limites da subjetividade na era digital. Com projeto original criado em 2023, a obra foi realizada em conjunto com ferramentas de Inteligência Artificial e lançada em 2025 pela Lote 42. Esta edição existe exclusivamente em formato físico e com projeto gráfico que utiliza máquinas de costura Singer, criando um contraponto entre sua temática – necessariamente digital – e o seu formato artesanal.

Sérgio Rodrigues Escrever é humano

Como dar vida
à sua escrita em
tempo de robôs

COMPANHIA DAS LETRAS

Imagem: Editora Companhia das Letras / Divulgação

*Escrever é humano – Como dar vida
à sua escrita em tempo de robôs*
(Companhia das Letras, 2025)
Sérgio Rodrigues

Nesta obra, Sérgio Rodrigues se debruça sobre o tema da Inteligência Artificial generativa que torna possível a criação de textos, e questiona se a tradição da escrita literária pode desaparecer. O autor defende que escrever literatura é trabalho de gente, por mobilizar tanto a inteligência quanto outras dimensões da vida, como a intuição e o desejo, de acordo com a sinopse da editora.

*A escritura e a arte na era da
inteligência artificial*
(Iluminuras, 2025)
Philippe Willemart

Philippe Willemart é professor titular em Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisador de IA do CNPq.

Neste livro, o autor utiliza a crítica genética, e debate o impacto da escritura e das artes tanto em quem escreve como em que lê, sob a perspectiva do poder do cérebro – um impacto que os modelos de linguagem (IA) provavelmente nunca serão capazes de igualar, apesar de sua memória quase infinita –, conforme sua visão sobre o assunto.



Imagem: Editora Iluminuras / Divulgação

Assombrasões à brasileira

Pedro Lucca

por João Lucas Dusi

► Pedro Lucca



Foto: Arquivo do autor / Pedro Lucca

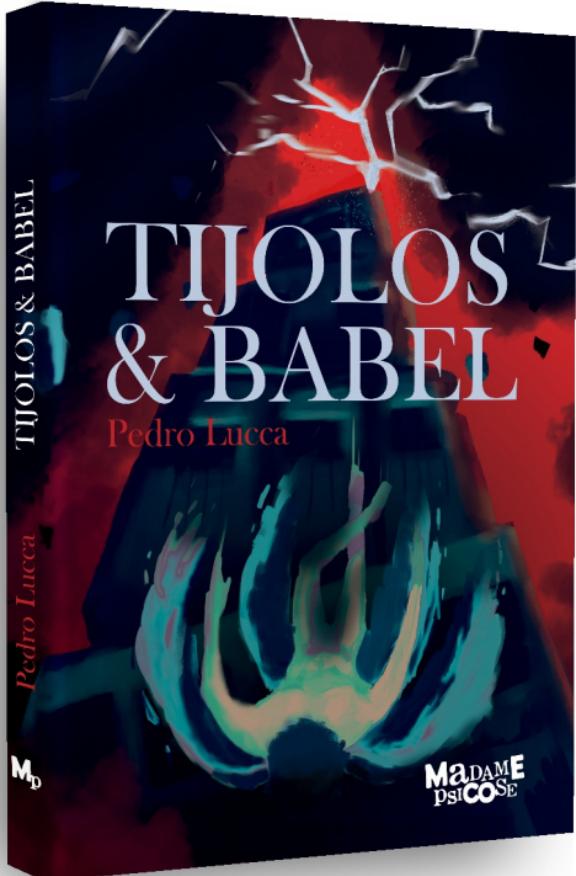
Fantemas literais e metafóricos coabitam o romance *Tijolos & Babel*, de Pedro Lucca, sobre uma sociedade incapaz de se comunicar

"Esta é só mais uma história de fantasmas", anuncia a narradora do romance *Tijolos & Babel*, Maria Lúcia, já no início. O autor, Pedro Lucca, compartilha de algumas assombrações e dilemas da protagonista de seu primeiro livro, em pré-venda pela editora Madame Psicose. "Como nunca fui adepto de sessões de terapia, uso a arte literária para compreender aspectos íntimos e traumáticos, reinventá-los e, a partir deles, tentar me sensibilizar com o mundo", pondera o estreante, cujas experiências recentes com a morte de familiares engatilharam reflexões a respeito da passagem do tempo e sua posição em um mundo marcado por ruídos.

"Apesar da enxurrada de comunicabilidade, existe um vazio quase absoluto de entendimento", reflete Lucca sobre as nuances de uma sociedade cada vez mais digitalizada, na qual sua protagonista — elaborada "como um retalho de experiências e de vidas reais" a partir de tudo que o autor experienciou — também está inserida.

A liquidez interpessoal se contrapõe, em *Tijolos & Babel*, à rigidez literal e metafórica do concreto que ergue as cidades — especificamente do Conjunto Habitacional Profeta Josué, peça-chave de uma história que trata de temas como o confronto entre fé e razão, o embate do homem com a natureza, a tensão entre civilização e barbárie e a própria natureza do mal; ou, nas palavras do autor, "uma cicatriz de concreto cravada num município da Baixada Fluminense". Alheias às mazelas humanas, afinal, as engrenagens de algo maior continuam funcionando: "Quando tudo passar, quando tudo ruir, o concreto permanecerá".

› *Tijolos & Babel*,
de Pedro Lucca
(Madame Psicose,
2025).
Capa: Leo Marino



Para escrever uma história de fantasmas, o escritor precisa ser assombrado por alguns?

Enquanto escrevia o livro, precisei ser assombrado. Fantasmas advindos do tempo, da memória e da pressão social. Foram várias mortes consecutivas na minha família, acompanhadas por toda aquela obrigação de comparecer a enterros. Dizem que, com o tempo, isso tende a se tornar mais constante. E, de fato, vem piorando.



“Assim como não esquecemos aquilo que deveríamos esquecer, os fantasmas também não se desligam do mundo dos vivos.”

Vi o tempo urgir com uma rapidez impressionante. Pishei e já estava com 26 anos, sem trabalho fixo, desorientado. Tudo isso em um mundo no qual você vale pelo que possui, e não possuo quase nada. Apenas algumas referências artísticas, proveitosa ou não, uma biblioteca pessoal que está longe de ser impressionante, minha família e poucos, porém valiosos, amigos. Achei que isso bastaria. Mas não basta para os outros. Desde a adolescência, acabei levando a literatura mais a sério do que talvez devesse. Sempre sem plena certeza do meu talento, raramente acolhido, quando muito por pouquíssimas pessoas. Como nunca fui adepto de sessões de terapia, uso a arte literária para compreender aspectos íntimos e traumáticos, reinventá-los e, a partir deles, tentar me sensibilizar com o mundo. Lembro que o escritor António Lobo Antunes disse em uma entrevista, creio eu, que para escrever o primeiro livro é preciso ter memória de elefante, embora seu desejo mais autêntico fosse justamente poder esquecer muitas coisas. É irônico que agora eu não me recorde da frase exata.

Assim como não esquecemos aquilo que deveríamos esquecer, os fantasmas também não se desligam do mundo dos vivos. Permanecem acorrentados aqui. Da mesma forma, nós também estamos presos ao que nos mantém neste lugar, o que nem sempre é benéfico ou digno de maiores honrarias.

Os fantasmas da narrativa podem ser tanto literais quanto metafóricos. No fim das contas, há diferença entre eles?

Apesar de ter escrito *Tijolos & Babel*, existe aquele distanciamento elaborado por Roland Barthes ainda na década de 1960. A minha interpretação da obra é apenas mais uma. A literatura se completa no encontro com os leitores. Por isso, acredito que, na narrativa do romance, convivem acontecimentos que de fato ocorrem, aquilo que a protagonista imagina e o que ela alucina, que carrega também alguma verdade. O fantasmagórico se manifesta nessas camadas simultaneamente.

Meu primeiro contato com a narrativa veio da escuta. Sempre ouvi histórias contadas por pessoas que detinham mais conhecimento do que eu. Escutava com atenção suas referências, o que gostavam de assistir e ler, além de tons mais confessionais sobre dúvidas e traumas. Ainda assim, minhas favoritas sempre foram as histórias de assombração.

Nunca tive uma experiência mística. Nunca vi nada. Em certos momentos, confesso que até gostaria de ver, apenas para ter alguma certeza de que existe algo além disso tudo. Até hoje, não sou detentor dessa convicção. Há aquela frase clichê de avós, não é? "Não tenha medo dos mortos, tenha medo dos vivos." Mas a linha entre a vida e a morte é bastante tênue.

E os fantasmas, sobretudo os do cinema hollywoodiano, não costumam chegar com delicadeza. Ligam televisões desplugadas da tomada, fazem surgir um choro de bebê sinistro. No livro, os fantasmas orbitam outra esfera: utilizam a própria linguagem para assombrar e, talvez, reconquistar o plano material através das páginas. Existem apenas ali, confinados.

As inquietações presentes no livro são também as suas? Ao escrever em primeira pessoa, você buscou separar a sua visão de mundo da visão de mundo da Maria Lúcia?

Maria Lúcia surge como um retalho de experiências e de vidas reais. Tudo aquilo que observei, vivi ou que me foi compartilhado acaba, de alguma forma, compondo sua figura. Ela carrega muito de mim, é inevitável, mas não se resume à minha pessoa. Como qualquer indivíduo, a protagonista é um amontoado, quase uma legião de gente viva e morta. Isso faz parte da experiência humana. Convergimos em certos pontos e divergimos em tantos outros, algo absolutamente natural.

Quando escrevo, claro que lido com minhas próprias obsessões. No entanto, não parto de um esquema rígido ou de uma separação muito consciente. Tudo acaba se misturando com o conceito do livro, com o que o texto procura dizer e, sobretudo, com aquilo que ele tenta debater, levantando mais perguntas do que oferecendo respostas prontas e ensaiadas. Por isso, prefiro dizer que são inquietações da personagem, não exatamente minhas. Minha visão de mundo não é tão ampla ou reflexiva assim. Sinceramente, acho que não renderia sequer um bom parágrafo.

Quais cuidados você tomou para criar uma voz feminina?

A principal graça da literatura de ficção é a alteridade. É a possibilidade de se tornar outro, de reimaginá-lo. Quando busquei referências para o livro, priorizei ler vozes femininas da literatura contemporânea. Se lia vinte livros por ano, ao menos dez eram escritos por mulheres. Não foi uma decisão consciente, mas algo que sempre fiz de maneira natural e também por escolha política.

Minha única preocupação objetiva era que o livro passasse no Teste de Bechdel, algo relativamente simples de cumprir e que, ainda assim, muitas obras centrais da ficção não cumprem. Duas mulheres com nome, conversando entre si, sem que o assunto seja um homem. Fora isso, procurei respeitar profundamente to-

das as personagens, fossem homens ou mulheres. Seria fácil recorrer a soluções previsíveis, como colocar a protagonista diante de um aborto apenas como recurso dramático ou sexualizá-la de forma gratuita. Nada disso acontece. Não por moralismo, mas porque esses caminhos me pareceram fáceis demais, preguiçosos e pouco dignos do que o livro buscava. Se a inspiração tivesse me levado até ali, eu teria seguido. Não foi o caso.

A literatura, felizmente, vem se tornando cada vez mais plural. É claro que existe também uma engrenagem mercadológica por trás, mas isso não invalida em nada os debates sobre representatividade, bastante necessários. Há personagens masculinos extraordinários escritos por mulheres e personagens femininas complexas e memoráveis escritas por homens.

E, no fim das contas, a sociedade brasileira é democrática. Se alguém não concorda com um autor homem escrevendo personagens femininas, há autoras extraordinárias, muito superiores a mim, que merecem ser lidas. Basta procurar. Posso citar, por exemplo: Elvira Vigna, Virginia Woolf, Fernanda Melchor, Gabriela Wiener, Clarice Lispector e Hilda Hilst. Escrevi apenas mais um livro.

O Conjunto Habitacional Profeta Josué pode ser lido como um personagem do livro e uma espécie de miniatura do Brasil? Qual sua importância na atmosfera do teu universo ficcional?

Sou um aficionado pela noção de microcosmo, sobretudo quando o cenário deixa de ser apenas pano de fundo e passa a agir como personagem. Cresci diante da televisão, como muita gente da minha geração, acompanhando espaços que tinham vida própria, como Springfield ou a vila do Chaves. Esses lugares criavam uma sensação de comunidade, de pertencimento. A literatura contemporânea, por um período, pareceu se deslocar para algo próximo do não-lugar, um espaço quase abstrato, excessivamente funcional e, de certa forma, bem capitalista. Os cenários perderam identidade, e com isso se perdeu também a ideia de coleti-

vidade. O Conjunto Habitacional Profeta Josué surgiu como um mecanismo narrativo capaz de podar e controlar as arestas do texto. Aos poucos, ganhou vida própria e se impôs como um personagem central do livro. Ele é uma cicatriz de concreto cravada num município da Baixada Fluminense. Um espaço marcado pela escazez, que funciona como metáfora não apenas do Brasil, mas da América Latina e, em certa medida, da própria sociedade contemporânea. Dentro dele, os personagens estão acorrentados. Assim como, fora do livro, também estamos.

Como o mundo digital se relaciona com a solidão da Maria Lúcia?

A geração do *coming of age* cresce imersa no mundo digital. Podemos colecionar seguidores, sustentar amizades virtuais e, ainda assim, constatar que estamos completamente sozinhos. Só quem conhece o peso da solidão autêntica entende o quanto ela é difícil e os danos mentais que pode provocar.

Enlutada, Maria Lúcia se percebe sozinha. Além disso, como todos nós, ela também emerge de um contexto pandêmico. Isso a atravessa, machuca, deixa marcas insondáveis. Mas, como acontece coletivamente, ela vai se acomodando, vai se conformando; quando nos conformamos, surge a frieza. Passamos a afastar justamente aqueles que nutrem alguma estima por nós, acreditando que a salvação não passa pelo outro. Só que passa, sim.

A validação virtual não nos salva. Ela serve para bombardear publicidade, vender estilos de vida rasos e fabricar subcelebridades que acumulam dinheiro e disputam espaço midiático com selvageria. Na internet, tudo funciona como o fundo de uma vitrine. Fantasmagórico, vendável, descartável.

O livro fala muito sobre amizade. Talvez não de um modo fácil ou reconfortante, mas ela está ali, como tensão. Agora me lembro de uma música do David Bowie, "Five Years", em tradução livre: "E todas as pessoas gordas e magras/ E todas as pessoas altas e baixas/ E todos os ninguéns/ E todos os alguéns/ Eu nunca pensei que precisaria de tantas pessoas".

A palavra "Babel", no título, tem a ver com a irônica dificuldade de se comunicar em tempos virtuais?

Sim, surge daí também. O título completo, *Tijolos & Babel*, carrega essa tensão desde a origem. Há, evidentemente, a referência bíblica à Torre de Babel. Um momento em que os seres humanos falavam uma língua unificada e tentavam erguer uma construção para alcançar o Criador. Diante disso, Deus se irrita, confunde as línguas e a obra permanece inacabada.

Os "tijolos" do título vêm justamente da aspereza da história. São os blocos que sustentam a construção do romance, mas também remetem à ideia de impacto. Eu queria que o livro funcionasse quase como uma ti-jolada no leitor, não como algo afável ou conciliador, mas como fricção e dureza.

Já Babel atravessa a dificuldade intrínseca da comunicação. O ruído permanente da linguagem foi algo que procurei levar para dentro do texto. Deliberadamente distante de oficinas de escrita criativa ou de manuais de ficção, busquei provocar o atrito da língua, a confusão que ela carrega. Essa confusão também atravessa o ambiente virtual e as formas recentes de sociabilidade contemporânea. Apesar da enxurrada de comunicabilidade, existe um vazio quase absoluto de entendimento. Nesse sentido, o título me souu quase publicitário. Não há nada mais atual do que isso.

Além da oralidade, a narrativa trabalha com saltos temporais e outros recursos estilísticos. Como você buscou equilibrar a jornada de uma jovem quebrada — em que a honestidade do discurso pesa — com a forma literária de contar essa história?

Esse foi, talvez, o verdadeiro desafio de *Tijolos & Babel*. Conciliar autenticidade e sinceridade discursiva com uma exploração consciente da linguagem, que, no fim das contas, é o que realmente sustenta a literatura. Não queria que o livro soasse hermético ou inacessível. Meu desejo sempre foi que ele pudesse ser compreendido, ainda que provocasse algum desconforto. Acredito que a boa arte precisa chegar a quem a recebe como uma espécie de atrito, algo que convoque a inteligência e a sensibilidade do leitor a trabalhar. O livro não é totalmente palatável, e nem deveria ser, mas está longe de ser difícil ou excessivamente complicado. Antes de qualquer coisa, eu quis contar uma boa história.

Quanto ao equilíbrio entre recursos linguísticos mais ousados e uma forma narrativa reconhecível, não houve fórmula ou método rígido. Fiz isso na prática, experimentando, errando e ajustando.

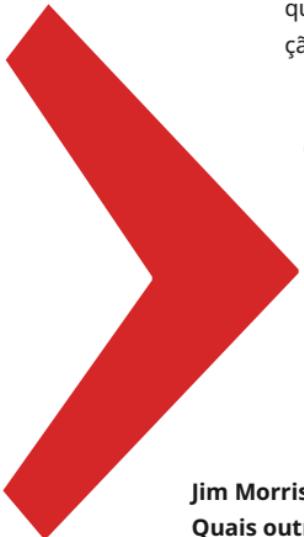
Como a religiosidade (ou a espiritualidade) pesou na composição da obra?

Por parte de mãe, venho de uma família evangélica neopentecostal. Sempre me interessei por temas místicos e esotéricos, mais por curiosidade e prazer intelectual do que por fé propriamente dita. Igreja, no entanto, sempre me pareceu um porre. Felizmente, nunca fui obrigado a frequentar. Ainda assim, desde cedo passei a ler a Bíblia com curiosidade, muitas vezes apenas para testar a paciência da minha mãe, trazendo para a mesa de casa informações que nem ela nem o pastor sabiam responder.

Esse interesse acabou me levando à teologia. Não como prática religiosa, mas como campo de estudo mesmo. Segundo dados do IBGE, até 2030 os protestantes devem se tornar maioria no Brasil. Esse crescimento é

especialmente visível nas periferias. Há uma igreja em cada esquina. Ainda assim, pouco parece mudar. A educação continua precária, falta saneamento, os assassinatos seguem acontecendo e toda sorte de imoralidades permanece.

Apesar de o cristianismo ser frequentemente apresentado como bastião da civilização ocidental, muita gente esquece que essa religiosidade carrega, em diversos aspectos, elementos profundamente pagãos e até mesmo traços que poderiam ser chamados de primitivos. Maria Lúcia, assim como eu, vem de um lar evangélico. Essas fixações, dúvidas e reflexões teológicas atravessam *Tijolos & Babel* de diferentes maneiras. Como inquietação constante, como parte inevitável da formação subjetiva e simbólica.



“Troco todos os versos mais bonitos por uma conversa sincera na mesa do meu boteco favorito.”

**Jim Morrison e Julio Cortázar são utilizados na epígrafe.
Quais outros artistas compõem seu imaginário criativo?**

Acredito muito que a virtude de um grande artista reside na generosidade. Foi algo que aprendi com Machado de Assis. Por isso, em *Tijolos & Babel*, não escondo minhas referências. Prefiro expô-las, homenageá-las e colocá-las em diálogo.

Na literatura, Roberto Bolaño me deu a sensação de que escrever pode ser um modo de vida, uma escolha existencial. Já Laszlo Krasznahorkai, atual Nobel de Literatura, foi fundamental para o romance também. A poesia de Roberto Piva e de Carlos Drummond de Andrade também me acompanham de forma constante.

Amo Jackson Pollock, Marcel Duchamp e Andy Warhol, quando o assunto é arte visual.

Ainda assim, troco todos os versos mais bonitos por uma conversa sincera na mesa do meu boteco favorito e pelos olhares de gratidão, respeito e cordialidade que recebi ao longo da vida. Os artistas que mais respeito são pessoas comuns, nunca publicadas, mas que vivem a arte de maneira orgânica e autêntica. Sem elas, eu não teria escrito este livro. No fundo, *Tijolos & Babel* fala muito menos sobre mim e muito mais sobre esse tipo de pessoa. Os profetas e santos que nunca reconheceram sua santidade.

Há uma forte noção de estilo e construção do universo ficcional para um romance de estreia. O que esperar da sua produção futura?

O que costuma ser chamado de estilo também enxergo como limitação. Foi simplesmente a única maneira que encontrei para escrever *Tijolos & Babel*. Por isso o livro existe daquela forma, e não de outra. Sempre tive uma dificuldade latente de concentração e demorei muito para aprender a ler. É quase paradoxal que justamente a leitura e a escrita tenham se tornado aquilo que mais faço hoje.

Sou preguiçoso, indisciplinado e, ao mesmo tempo, extremamente exigente comigo mesmo. Cobro muito do meu trabalho, mental e fisicamente. Talvez até demais. Já estou escrevendo o segundo romance, sem qualquer prazo para lançamento. Ele será completamente diferente de *Tijolos & Babel*. Quero que minha produção futura me desafie, me force a errar de novo, a experimentar outras formas, outras linguagens, outros riscos. Não tenho interesse em me repetir.

A literatura pode até estar morrendo, se é que isso é verdade. Vou escrever até a última respiração dela. Mas a narrativa, essa não morre nunca: é inata à nossa espécie. Enquanto eu estiver aqui, estarei contando histórias e esperando ser lido. Não escrevo para guardar textos na gaveta. A escrita é meu território de manifestação e expressão. É onde deposito tudo o que consigo de amor pela humanidade. E amar o ser humano também é amar seus contrastes, suas contradições, suas sombras. Isso exige coragem. É essa coragem que espero continuar perseguiendo. ↪

Escrever um romance e a insufi- ciên- cia dos conceitos

Caetano Negrão

Uma das melhores coisas de ser romancista é poder fazer uma imersão total num assunto. Não são alguns minutos, ou o tempo que demora para ler um livro, ou uma conversa de bar. São centenas de horas, são meses, anos até. O assunto toma conta de você e você dele. Acontece uma interação única, que faz o cérebro ferver. Às vezes é assustador, às vezes frustrante. Dá medo de enlouquecer, de se perder na intensidade e no fluxo. É uma maratona mental e emocional — um exercício metafísico de esticar o tempo e a existência.

À medida que essa imersão acontece, a estrutura de ideias, personagens e acontecimentos começa a se formar. Ao mesmo tempo, como os conceitos e fundamentos são colocados à prova todos os dias, é comum que eles, paradoxalmente, percam a cor ao longo da escrita, que enfraqueçam.

Recentemente, publiquei um romance que me fez refletir sobre tudo isso. O livro em questão chama-se *Marginal* (7Letras, 2025). O tema central é a manutenção da desigualdade e a consequente marginalização da maior parte da população. Busquei ir muito a fundo na parte histórica, levantando pontos centrais que ajudariam a entender a formação dessa cultura de normalização das desigualdades.

Aconteceu então esse empalidecimento de conceitos que mencionei acima. Quanto mais fundo eu ia, mais alguns conceitos, dados como certos e até fundamentais, perdiam força. Um bom sinal, do ponto de vista da pesquisa.

No meu caso, uma das ideias que empalideceram foi a de termos sido uma "Colônia de Exploração". Esta definição tem sido questionada há tempos e, com o livro, percebi melhor o teor fundamentalmente econômico do conceito, com fortes influências do pensamento eurocêntrico e colonial, não englobando o fator humano e os traços culturais que se estabeleceram aqui com a invasão portuguesa. O que começou a parecer mais adequado e verdadeiro é que fomos, acima de tudo, uma "Colônia de Exploração do Ser Humano".

Talvez seja esse nosso status fundante moderno, que ecoa até hoje. Seja através da escravização indígena, da escravização africana, da exploração da mão de obra no campo, na dificuldade de obtenção de direitos

e serviços públicos, essa exploração parece ser o denominador comum. Explorar o ser humano talvez esteja, infelizmente, na base cultural brasileira. O que ajudaria muito a explicar a marginalização sistemática, flagrante e contínua da maior parte da população.

Em certo grau, dói admitir uma base assim. Mas quem sabe seja uma dor importante de se ter. Dor de crescimento.

Caetano Negrão

MARGINAL

› *Marginal*,
de Caetano Negrão
(7Letras, 2025)

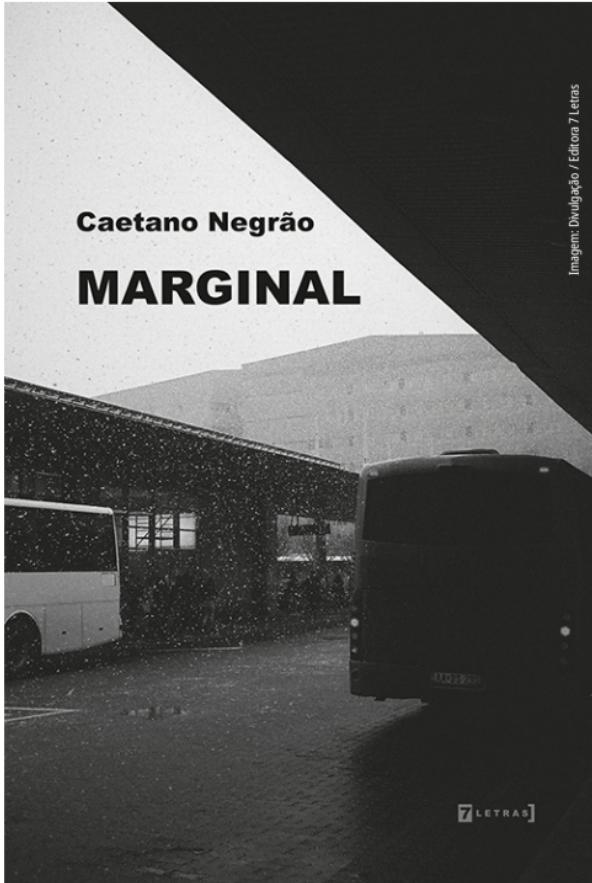


Imagem: Divulgação / Editora 7 Letras

Trecho do romance *Marginal*

Ao contrário da minha vó e da minha mãe, olho bastante para o prédio mais luxuoso de Curitiba. Quando chego do trabalho, se não está tão frio, fico um pouco na cadeira ali fora, observando, com o Sansão aos meus pés. Não acho a construção bonita. Não entendo muito de arquitetura e engenharia, mas comparado com o que vi em sites relacionados ao tema quando pesquisei para entender como as construções de prédios altos funcionam, e vi projetos do mundo inteiro, dos mais baratos aos mais caros, concluí que aquele era um prédio que misturou estilos e materiais de maneira estranha, gerando um resultado ruim. Tenho a impressão de que os ricos, muitas vezes, fazem a medida das coisas pelo custo e na verdade não sabem o que estão comprando.

Fiz as contas também. Se conseguisse guardar metade do meu salário todos os meses, demoraria pouco mais de 3200 anos para juntar dinheiro suficiente e comprar um apartamento ali.

Minha mãe olha torto quando observo o prédio por tempo demais. Acho que quando o faço, quebro um tipo de regra que ela e minha vó estabeleceram em relação às coisas dos ricos, um pacto que elas têm, de invisibilidade. Depois de um tempo, qualquer coisa rica vai sendo distorcida, até ficar invisível. Passam em frente a prédios e shoppings e carros e pessoas, mas não olham direito, como se dissessem a elas mesmas que aquilo não existe de verdade.

A recíproca é verdadeira. Os ricos também distorcem a pobreza ao redor deles. Tudo parece virar um borrão num pano de fundo que não lhes interessa. A invisibilidade do pobre vai acontecendo para eles como a do rico acontece para minha mãe e minha vó. É um processo similar. Elas notam mudanças e elementos novos no dia a dia, mas em seguida os ignoram. O mesmo acontece do outro lado. O rico nota um novo pobre pedindo dinheiro no semáforo, mas no dia seguinte ele vira cenário.

Ser pobre no Brasil não é apenas classificação. É como ter uma doença. A maneira como ouço os mora-

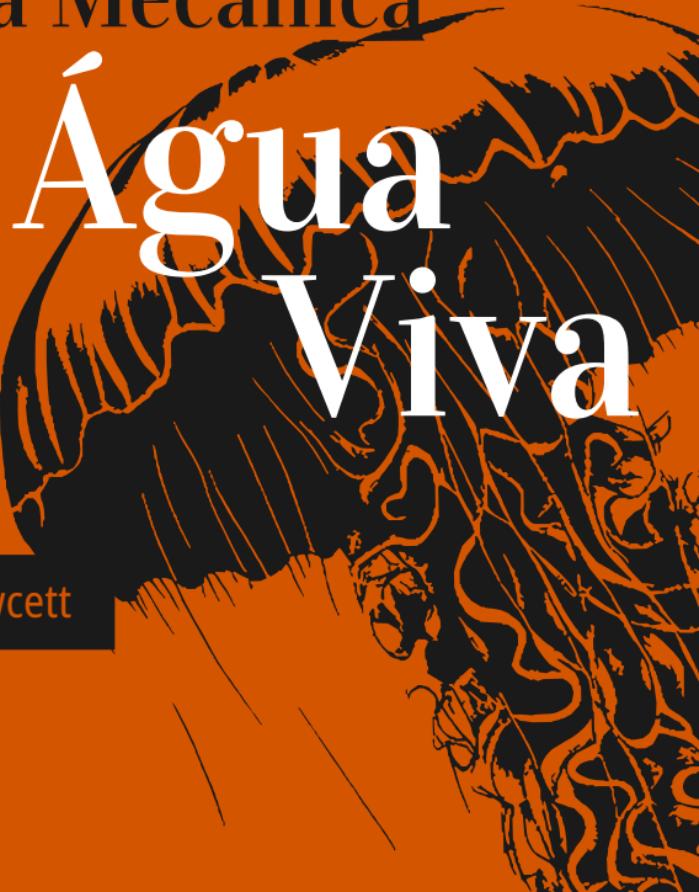
dores do prédio onde trabalho falando da pobreza parece exatamente isso. A impressão é que estão falando de um vírus tão ruim que se falarem por tempo demais é capaz de o pegarem ali mesmo. E tomam precauções todos os dias para não serem contaminados. Mantêm uma boa distância de nós, infectados, e a aumentam cada vez mais, sempre que possível.

Ser pobre é como ser de uma outra espécie, um sub-humano, ou pelo menos um subcidão. Minha vó e minha mãe se acostumaram a isso. Vivem como subcidãs, como membros de outra casta. Quando vamos às ruas e entramos num lugar mais caro ou bem arrumado, apertam suas coisas e encolhem o corpo, não para se protegerem, mas para tomarem menos espaço. Elas têm que tomar o menor espaço possível. Têm que passar despercebidas, de cabeça baixa, com passinhos ligeiros e eficientes. Elas recebem o recado de que não deveriam estar ali e o aceitam. Chegam aos balcões das lojas e dos bancos quase que pedindo desculpas, como se estivessem sempre erradas, como se soubessem que no sangue mesmo, ou na pele, têm algo que nunca sairá. ↵



Caetano Negrão nasceu em Curitiba, Paraná, em 1989. Formou-se em Comunicação Social, trabalhando com a escrita em diversos formatos — música, dramaturgia, poesia e prosa. Possui textos fictionais publicados em revistas e coletâneas. Contribuiu com traduções para diferentes obras. Trabalhou por muito tempo em sala de aula, e continua visitando escolas, agora como escritor, promovendo oficinas, palestras e conversas sobre literatura. Publicou *Todo um Céu Azul* (Ed. Patuá), em 2024.

O suco da Laranja Mecânica é Água Viva



Fausto Fawcett

Não adianta. Têm dias, muitos dias, quase todos os dias em que eu me sinto espremendo uma Laranja Mecânica. Sim, têm dias, muitos, todos os dias praticamente sou abduzido por essa expressão-ícone pop que abre três pistas de pensamento/sentimento que são míticas leis cravadas nas mentes contemporâneas: primeira lei da Laranja Mecânica advinda da gíria inglesa que quer dizer "tão bizarro e estranho quanto uma laranja mecânica" – humanos encarados como betores obscenos de forças estranhas, grotescas, ridículas, mas suculentas. Segunda lei da Laranja Mecânica advinda do livro de Anthony Burgess de mesmo nome e que ganhou versão cinematográfica de Stanley Kubrick – a delinquência de todas as faixas etárias e profissões e cargos militares e políticos e tecnológicos, a delinquência e a violência turbinadas por estéticas potentes, miragens motivacionais presentes no entretenimento musical, no entretenimento religioso, no entretenimento financeiro, no entretenimento sexual, no entretenimento digital que engloba tudo na sua fúria estatística apelidada de inteligência artificial, no entretenimento de aplicativo encontro social, no entretenimento político, no entretenimento religioso, no entretenimento de engajamentos gerais em qualquer coisa contanto que detone um sentimento de seita, de perigo iminente, de conquista agressiva, de imperialismo sensacionalista dos egos à deriva por aí. Tudo isso sublinhado por gírias de linguagens específicas. Terceira lei da Laranja Mecânica advinda do sensacional estilo veloz de ocupação total do campo apresentado pela seleção de futebol holandesa de 1974 comandada por Johan Cruyff e pelo técnico Rinus Michels. A seleção holandesa veste a camisa laranja que é a cor da casa real Orange e em homenagem ao livro de Burgess ganhou o apelido de Laranja Mecânica pois parecia uma surpreendente máquina de jogar futebol. Terceira lei – a velocidade de toda informação, de todo social, de toda a política, de toda cibernetica, de todo erotismo de consumo e de sintomas, erotismo de todos os diagnósticos comportamentais pilar do sensacionalismo existencialista no qual chafurdamos, velocidade histérica de todas as inovações e desequilíbrios, a velocidade de todas as curas desconcertantes (viva a cientista Tatiana Sampaio e sua equipe que estão conseguindo fazer tetraplégicos, paraplégicos andarem, recuperarem alguma autonomia, com uma substância fabricada na placenta, a laminina) e curras de crueldade impressionante (neste exato momento alguma mulher, alguma criança, algum homem, algum animal, algum refugiado, alguma desesperada, algum bebê, alguma praia, algum edifício, alguma favela, algum cérebro ou genitália está sendo escutado, dolosamente encurrulado, deletado, anestesiado por dor geral, destruição, perda total), a velocidade de todos os paradoxos, contradições, ambiguidades, ubiquidades e constantes revelações, desmentidos, descobertas, releituras, rearranjos das várias histórias dos países, da geologia, da antropologia, da técnica, dos assuntos políticos, da ciência, das artes, dos humanismos, do oriente,



do ocidente, dos cinco continentes em todas as épocas, constantes desmentidos e revelações provocando o quê? Crônicas vertigens que sacodem todos nesse mundo à beira de algum alerta. Não tem jeito quase todos os dias me sinto espremendo a Laranja Mecânica pra tirar o suco ácido desses tempos simplesmente porque sou viciado, adicto do slogan tudo ao mesmo tempo agora junto e misturado em todos os lugares inflamando todo o primitivo acelerado pela atualidade, acendendo a chama da inquietação mesmo numa atividade corriqueira tipo comprar um sabonete. Sentir tudo ocupando todos os espaços. Sempre que essa estranheza ganha contornos gigantescos na minha cabeça, na minha mente, no meu coração, figado, intestino e sistema nervoso, circulatório eu não tento escapar pois o tesão por isso é imenso. O que eu faço é pegar certos livros, colocar réquias alucinantes e batucadas violentas, réquias violentas e batuques, macumbas alucinantes e me jogar nas páginas como se fossem *grimorium* vibrantes evocando, invocando, chamando tudo que existe e que não existe mas vai acontecer ou já aconteceu e vive sorrateiro em todos os corpos e mentes e um desses livros é *Água Viva* de Clarice Lispector. 2026 começou a todo vapor na ferocidade, na ternura adiada, na pancadaria política, na crônica policial, nas fofocas científicas, nos delírios sociais e todos parecem estar espremendo a Laranja Mecânica para extraír o suco das suas leis inexoráveis. Nesse momento um *grimorium* é necessário e *Água Viva* é a boa. Porque a escrita de Clarice vai sempre te levar, te conduzir, te aproximar do Coração Selvagem dos primórdios caóticos da galáxia, do planeta, do corpo, do balúcio surgido da formação do sistema nervoso da fala, do cio da linguagem com a imaginação que faz da realidade refém da tempestade simbólica que nunca mais parou de cair do céu das nossas bocas despencando do curto circuito violento das nossas mentes. Agitação fantasmática,

Fúria Mítica alimentada, criada pelo cérebro (repleto de divindade?), víscera que, junto com o coração e o fígado, formam a santa trindade das vísceras existencialistas. Tempestade simbólica caindo sobre tudo. Exterior e interiormente. Relâmpagos de palavras e imagens de palavras gerando imagens gerando palavras que geram religiões de sentimentos que são viagens/vertigens verbais flirtando ao mesmo tempo com o visível e o invisível, o mais ou menos dito e o indizível. Escrita como tentativa de recuperar num átimo de conjuração verbal o Infinito, o Absoluto, o Eterno de onde fomos exilados por ela mesma, a linguagem (*a Queda sempre ela, Babel sempre ela*). Essa é a intenção da escrita de Clarice escancarada em *Água Viva*. Fazer do Verbo Carné trêmula, frívola, cheia de nervos, curtida, seca, mastigada por vivências que nem sabemos. Clarice escreve exercendo poder de Alquimia, solvência sobre as palavras fazendo com que a água, protagonista orgânica do nosso corpo, portanto veículo mor do Espírito, se transforme numa Criatura Flutuante dentro de nossa carcaça milenar propiciando contatos com os perdidos, memórias da melanina, lembranças bacterianas, globulâncias que não passam, vibrações sensoriais que só podem ter a ver com os tais Eterno, Absoluto, Infinito que ela chama de IT e que também se manifestam no Halo que envolve tudo que existe. A aura obscura, o efeito kirlili, boreal rasante sobrevoando o maior órgão do corpo. Para algumas tribos quando a pele se arrepia é a lembrança do choque de algum corpo celeste que bateu no planeta e contribuiu para nossa formação molecular, biológica. Esse choque nos visita quando Medos, Alegrias e Graças Indomáveis, acentua Clarice, nos ganham no meio da noite, no meio do dia, no final das tardes fazendo com que a Água Viva, Criatura Flutuante dentro de nós, provoque Beatitudes que são flertes com os primórdios caóticos nos aproximando do Coração Selvagem dos Gritos primitivos nas Grutas-Catacumbas, nos aproximando dos Enigmas da vida contidos, cutucados, ampliados, ocultos pela/na linguagem, essa tempestade que não para de cair do céu de nossas bocas transformando o Verbo em Carne aquecida pela Água Viva da escrita de Clarice Lispector. Sempre que se sentir espremendo a Laranja Mecânica...



Fausto Fawcett transita entre literatura, música e cinema. Publicou mais de oito livros, entre eles, *Santa Clara Poltergeist* (1990), *Básico Instinto* (1992), *Copacabana lua cheia* (2000), *Favelost* (2002), *Pororoca rave* (2015) e *Pesadelo Ambicioso* (2022). Nome exponte do rap rock e da literatura cyberpunk no Brasil. Trabalhou com artistas de diversas áreas como, Fernanda Abreu, grupo Chelpa Ferro, Samuel Rosa, Arnaldo Antunes, Deborah Colker, Luiz Zerbini, Maria Bethânia, Marcelo Dantas, entre outros e outras. Participou da primeira turma de alunos do grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, ao lado de Fernanda Torres, Cazuza e Bebel Gilberto.

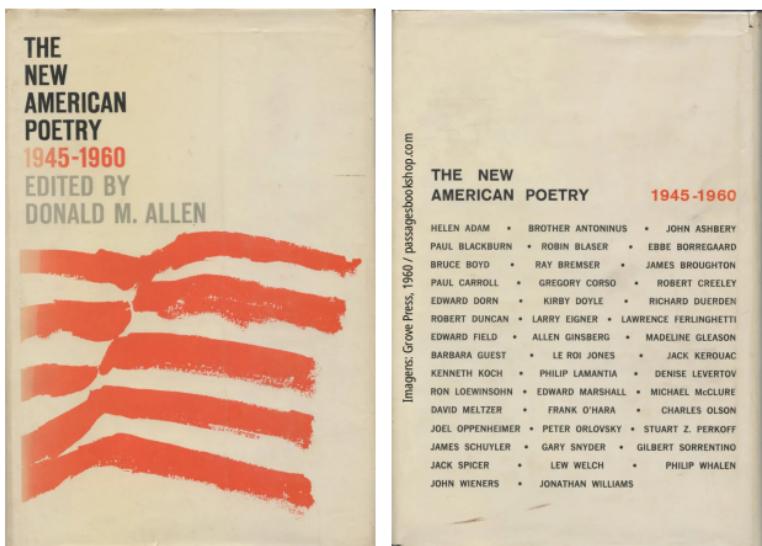
42

"Manter o mundo seguro para a Poesia": arquivo em Anne Waldman

Luna Madsen

Anne Waldman é uma poeta estadunidense cujo compromisso vai muito além de escrever poemas. Ela dedica sua vida à criação e preservação de comunidades poéticas, movida pelo voto de que "passaria a minha vida a desenvolver e a preservar a poesia e os seus poetas". Seu trabalho ativista e performático fundamenta-se numa crença simples, mas radical: a criação e a sustentação do exercício poético como essencial para garantir a continuidade da própria existência da poesia.

Essa prática, que se desenha no corpo e na escrita, ressoa com os conceitos de arquivo e repertório da teórica mexicana Diana Taylor e se enquadra no paradigma contemporâneo do arquivo mapeado pela estudiosa brasileira Diana Klinger. Waldman não apenas preserva, ela cria as condições para que a poesia continue viva.



Exemplar de 1960 de *The New American Poetry* pela Grove Press

Descendente direta da efervescência cultural dos Estados Unidos dos anos 1960, nasceu em 1944 em New Jersey. No início da vida adulta, foi marcada pela leitura da antologia *The New American Poetry*, de Donald Allen (1960), que reunia vozes insurgentes em total rejeição ao verso acadêmico. Em 1965, na Berkeley

Conference Poetry, na Califórnia, Waldman teve a oportunidade de presenciar esses poetas ao vivo. A cena era eletrizante: o poeta Charles Olson mais se "enfureceu e chorou" do que leu, enquanto os braços do poeta Robert Duncan "balançavam e dançavam no ar" como se gesticulassem no éter.

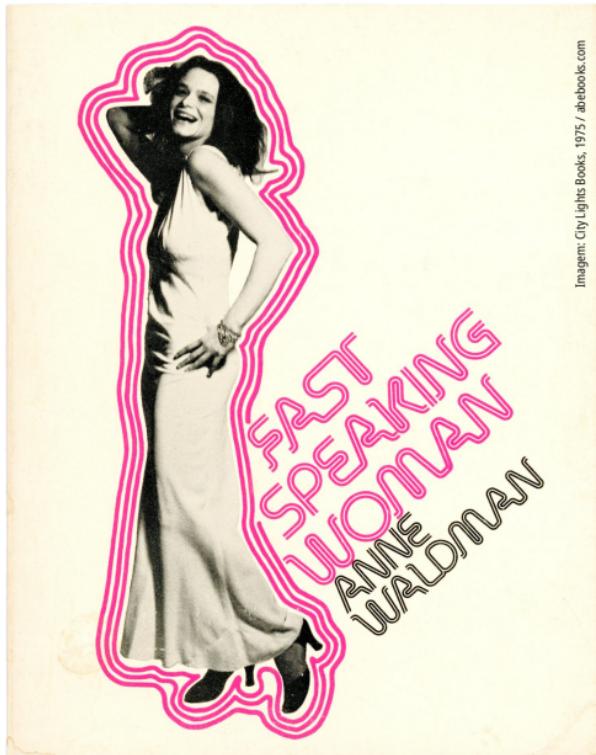
Era uma poética do corpo, um marco fundamental para que Waldman avançasse além de seus poemas iniciais, mais melancólicos e atrelados às regras formais da métrica e da prosódia. Ela se atentou à performance dos próprios textos. Consciente e conectada com as novas preocupações de sua época, passou a escrever com fluxos mais livres, atenta à sonoridade "quase encantatória" dos próprios versos.

Advinda do espírito da época, a performance (do francês *parfornir*) tem como uma possível definição (pois a regra da performance é não ter regras, segundo Diana Taylor) "encenar um ritual ou habilidade na frente de um público". Para Waldman, a voz pode "transmitir, infletir, evocar vários estados psicológicos e emocionais", e as palavras carregam "pulsos de energia muito particulares". Dar vida aos poemas, fazendo-os "cantarem ou se enfurecerem" em seu corpo, torna-se um evento ritualizado no tempo, que funciona melhor "em um contexto de grupo".

Acontece que, embora fizesse parte desses espaços, Waldman foi mais reconhecida pela associação com esses escritores do que necessariamente por seu próprio trabalho (por exemplo, foi amiga de longa data de Allen Ginsberg, associando-se assim à geração *beat*). A autora praticamente não é traduzida no Brasil, a não ser por alguns poemas esparsos, uma lacuna tradutória que tento remediar tanto em minha dissertação, traduzindo seu livro-performance *Fast Speaking Woman* de 1974, quanto na produção de ensaios que celebrem e estudem sua trajetória.

Waldman teve a sorte de ser criada por pais progressistas, com uma mãe que incentivava sua dedicação mais à arte do que aos filhos. Isso a impulsionou para uma carreira fortemente feminista e ambientalista no coração de Nova York, em um período marcado por ameaças nucleares da Guerra Fria e pela desolação deixada pela Segunda Guerra Mundial.

➤ Primeira edição de *Fast Speaking Woman*, publicado pela City Lights Books, 1975



Seja como escritora, professora, editora ou performer, Waldman tem um percurso obstinado. Suas contribuições são notáveis: a cofundação da revista *Angel Hair* (1966-1978), que fomentou a circulação de poéticas marginais; a fundação e direção de *The Poetry Project* (1966), uma comunidade sediada na Igreja de Saint Marks em Nova York, cujo cerne são as leituras ao vivo; e, em 1974, a cofundação da *Jack Kerouac School of Disembodied Poetics*, na Universidade de Naropa, ao lado de Ginsberg. O pedido do monge budista Chogyam Trungpa, financiador do programa, era que ele durasse pelo menos cem anos, em uma era de contínua atrocidade ecológica e política (atualmente, tem 51 anos). Dessa necessidade de permanência surge a sua prática arquivística.

Waldman dedicou-se à transcrição de vídeos e gravações, à coleta e organização de extensos materiais literários de *The Poetry Project* e da Universidade de Naropa. Curou antologias sobre os beats, como *The Beat*

Book: writings from the beat generation (2007), além de disponibilizar seu próprio acervo online, o *Anne Waldman Papers*. O propósito dessa tarefa exaustiva é preservar o legado da liberdade experimental. O trabalho de arquivo, ela reflete, é para "mostrar a alguns seres inteligentes do futuro que alguns de nós não estavam apenas matando uns aos outros". É uma missão, um "senso de propósito de manter o mundo mais seguro para a poesia".

É por isso que sua prática dialoga com as noções de arquivo e repertório oferecidas pela teórica mexicana Diana Taylor. Para Taylor, performance é uma forma corporal de transmissão de conhecimento, uma epistemologia que valoriza a memória social e contesta o papel legitimador que a cultura ocidental reservou à escrita. Taylor não descarta o arquivo (tudo que sobrevive ao efêmero: textos, registros, gravações), mas afirma que é preciso relativizar sua autoridade perante o repertório, a memória social transmitida através de práticas sociais, onde o corpo é um arquivo vivo.

A performance é inapreensível pelo arquivo, um vídeo não é a performance, por exemplo, mas ela perpetua saberes culturais e históricos através da memória incorporada. Arquivo e repertório não são, assim, antagonistas, mas complementares.

Se, por um lado, Waldman cuida das gravações e documentos, por outro, ela compartilha conhecimento na tradição corporificada da performance poética. Essa postura dissolve o binarismo, como ela mesma pontua: "queremos pensar além da dicotomia arquivo(repertório — além de todas as dicotomias, na verdade — para experimentar misturas, montagens e combinações de obras de arte e intervenção política". Para ela, a performance é parte intrínseca do trabalho poético desde a antiguidade, mas em nosso contexto existe tanto na página quanto fora dela.

Essa força dinâmica entre permanência e desaparecimento, ordem e desordem, é a marca do paradigma contemporâneo do arquivo. Como aponta a professora Diana Klinger, o arquivo moderno era a voz totalizante do discurso oficial, um valor de "verdade" opressora, priorizando o valor do documento. O arquivo contemporâneo, ao contrário, se realiza no vestígio, no



➤ Anne Waldman

fragmento: é um vazio que marca uma presença irrecuperável, relativizando a "verdade" em um ato de resistência e abrindo espaço para narrativas plurais.

A tentativa de Waldman é justamente fazer sobreviver as vozes de poetas que eram marginalizados na década de 1960. Ela chega a usar o termo *outrider* como símbolo dos seus esforços poéticos: a figura de um cavaleiro que corre por fora do território, dos limites do discurso poético oficial, aquele geralmente sancionado pela academia e pela crítica literária. "Não estávamos interessados em ser poetas 'acadêmicos'", ela diz, mas em "honrar a poesia em si", focando na prática, e não apenas na conservação do cânones.

Nesse sentido, o arquivo em Waldman é anticanônico. As centenas de horas de gravação de leituras ao vivo em *The Poetry Project*, incluindo tanto iniciantes quanto nomes célebres como Patti Smith e Yoko Ono,

mostram que até o "trivial" é digno de arquivamento, fomentando uma comunidade aberta e colaborativa.

O arquivo, em seu aspecto contemporâneo, não é uma relíquia morta, mas devolve aos restos uma sobrevida, "ainda que espectral". Não se trata de relatar uma experiência, mas de nos fazer ver o seu desaparecimento. Em suma, o arquivo se torna performativo, uma vez que não é uma organização passiva ou uma verdade absoluta, mas se altera e se reconstrói conforme as circunstâncias de contato. Waldman age como uma curadora, uma leitora nômade ou uma "arconte expandida", guardiã de práticas que precisam do corpo e da escrita para perdurar.

A partir de Jacques Derrida, Klinger opõe ao "mal de arquivo" (a obsessão em preservar o que não pode ser preservado) a "paixão de arquivo": um arder de paixão, uma ânsia de buscar algo no acervo, um desejo irreprimível. Em Waldman, essa paixão se manifesta não como apego excessivo ao passado, mas como um compromisso ético de preservação de um legado vivo que consiga responder aos desafios futuros.

A poeta-performer cria zonas de fricção entre arquivo e performance, entre escrita e oralidade, dedicando a vida às possibilidades da poesia experimental. É um ato arquivístico enquanto promessa, no constante jogo de construção-destruição do arquivo. Com certa ironia nisso: se o mundo conseguir se tornar seguro para todos os seres vivos, se tornará também para os poetas. <



Luna Madsen Barbosa de Matos é mestrand(a) em Estudos Literários pela UFPR, especialista em Tradução pela PUCPR e bacharel em Teatro pela mesma instituição, como prounista. Escritora, artista e pesquisadora, investiga as interseções entre arte da performance, poesia e autotradução. Desde 2022, integra o coletivo literário Membrana e desde 2025, o coletivo de tradução Kahani.

Bor bo tos

Betina Juglair

Ideia de monólogo: estou no quarto fazendo uma atividade absolutamente banal, digamos que eu esteja com um daqueles aparelhinhos à pilha que tiram os borbotos fiapos tuhos bolinhas das roupas e digamos que ele faz um barulho assim não muito alto mas nem tão baixo e um bocado incomodativo pela persistência e pelo volume, mais ou menos como se a gente brincasse num piano e fosse descendo com a mão pelo lado direito até as notas começarem a gritar de dor, e que não aplique esta maquininha em roupas mas num cobertor bege que não é nem velho nem novo mas tem assim uns cinco ou seis invernos de idade, que já foi extremamente macio e aconchegante e até mesmo elegante e hoje é cheio de fiapinhos pretos cinzas alguns vermelhos outros brancos alguns amarelos um ou outro azul espalhados pela superfície da coberta o que a torna um pouco áspera, e digamos que seja esse o cobertor que me cobre todas as noites, e numa sexta-feira qualquer em que tenho muitíssimas coisas a fazer decido ligar a maquininha, que inclusive ainda tem fiapinhos roxos de uma blusa de lá que limpei no inverno passado, quer dizer, retrasado, ainda morava naquela outra casa seis andares no alto lá na baixa, muito bonita a blusa, comprei numa promoção da Zara em 2019, tem gola alta que eu gosto bastante e que combina comigo e com meus cabelos curtos, mas hoje que por acaso é sexta-feira não uso esta blusa roxa e sim um pijama qualquer muito confortável mas já meio gasto e inclusive no tecido azul tem duas pequenas manchas de lixívia na coxa esquerda que o deixa rosa, e então ligo a maquininha, ela faz o som agudo e nisso começo a fazer movimentos variados na coberta, às vezes ponho a máquina mais perto e o som abafa um pouco, às vezes mais longe e o som aumenta, alternando entre o zigue-zague e a linha contínua, uma linda dança sobre a coberta bege, e a máquina faz um barulhinho quando captura o fiapo, um *glomp* que é uma interrupção no *buzzzzz* habitual, que na verdade como é agudo o som se assemelha mais a um *bizzzzzz*, logo a sinfonia que escuto é um dinâmico *bizzzzzzzzz glomp bizz glomp bizzzzzz glomp bizzzzzzzzzzzzzzzzz glomp glomp bizz* e cada *glomp* dá uma sensação de recompensa de alegria de trabalho sendo cumprido e aí testo

várias velocidades da minha mão na superfície da coberta, já que a velocidade da máquina é sempre uma, quer dizer, duas, ligado e desligado, mas a mão tem inúmeras infinitas velocidades e modos de se locomover por sobre a superfície, inclusive o corpo tem duas mãos, e embora eu seja destra eu às vezes passo a máquina à mão esquerda só para testar uma coisinha diferente, o que causa um susto no público que assiste muito curioso a toda a ação, e nisto também mexo o corpo, fico sentada, às vezes levanto e fico de pé olhando a coberta de cima, me aproximo, me afasto, curvo as costas, deixo-as retas, tenho atenção à lombar, fico torta e me endireito, tudo muito dinâmico neste espetáculo de dança monóloga contemporânea como pode-se notar e nota-se bem, e a mão sempre baixa agarrando a máquina que agarra os borbotos agarrados na coberta, e nesse *bizzness* constante a maquininha vai enchendo, fiapo por fiapo, e é engraçado que na coberta a bolinha é dura e feia, mas depois que é captada pelo bicho-máquina o fiapo fica tão maciozinho tão molinho e quase bonito, se mistura com outros fiapinhos dentro e fica parecendo algodão, um algodão macio e meio sujo, que vai enchendo a maquininha de modo que de tempos em tempos eu tenho que parar para esvaziar o compartimento de borboto transformado em matéria fofa na lixeira verde do quarto quer dizer cenário, e faço isso muitas e muitas e muitas e diversas vezes afinal são muitos borbotos quer dizer fiapinhos por sobre a coberta bege e nisso é que entra o monólogo, me pego a pensar em tudo em muito em nada em diversas coisas, todas muitíssimo interessantes, e aqui a dramaturga, o que quer dizer eu mesma, posso escolher o assunto ou os assuntos tratados no monólogo enquanto toda a ação se desenrola, assim logo de cara já me vem um super tema, que é na verdade uma grande questão que se coloca na minha mente, a pergunta que não quer calar, que é que seria mais rápido se eu tivesse gasto dez euros na maquininha com uma velocidade extra ao invés dos seis euros que gastei na máquina mais simples, porque no calor do momento a gente não calcula o valor da nossa hora de trabalho né, por exemplo, no processo de desborbotização de uma única coberta, frente e costas, ou

então frente e verso porque não sei se cobertas têm costas, as costas aqui na verdade são humanas e por acaso são minhas e tocam o colchão de modo que talvez a coberta tenha duas frentes, e essas duas frentes ou duas bundas me custaram por volta de duas horas e doze minutos de trabalho desborbotizante, mas que se inclua neste tempo uma pausa para um copo de vinho e a escrita de um monólogo, o que acho que é razável e que poderia ser muito mais ou muito menos porque as coisas têm duração muitíssimo variada e tudo depende de muita coisa, imagina se fosse uma máquina melhor ou pior ou até mesmo um monólogo mais breve, ou ainda uma coberta pequena como de bebê ou grande como de um cavalo, porque imagino que cavalos passem frio e talvez alguns até tenham coberta e que seja inclusive bege como a minha mas também pode ser vermelha, marrom ou azul marinho a depender do gosto do cavalo, da égua ou da pessoa, mas penso que o público pode estar muito satisfeito com uma coberta humana bege de tamanho regular e que o tempo de espetáculo é muitíssimo adequado, mais de cento e trinta mil segundos nesta cena inspiradora faz valer o dinheiro gasto em cultura, o problema é que eventualmente será preciso mais cobertas beges ou até mesmo de outras cores para desfiar tudo direitinho quando houver apresentação em outras cidades e até mesmo para os ensaios, penso que é um problema sobretudo no verão porque os cobertores e os fiapos estão todos fora de vista e guardados sabe-se lá onde, eu mesma só tenho uma coberta que é esta que seguro na mão e que já está desfiapadíssima, e quem é que vai querer andar por aí emprestando cobertas para a classe artística no meio de um calor de trinta graus, e mesmo se fossem vinte e nove, eu é que não iria, jamais, coisíssima nenhuma, nem se eu estivesse entediada porque se fosse o caso eu iria pegar na minha coberta e desfiapá-la eu mesma, o que por acaso acaba de me acontecer, olho para as duas beges frentes ou costas ou bundas e constato a quase ausência de fiapos, que por um lado é magnífico porque está com um aspecto muito melhor, rejuvenesceu uns três anos, é um verdadeiro botox manual aplicado a tecidos diversos, mas também é um bocado frus-

trante porque como planejo muito seriamente um soliloquio *lay-down* com uma série de apresentações em locais diversos e duvidosos, é certo que vou precisar de outras unidades de coberta para desfiapar, mas acho que isto sempre arranja-se, toda cidade tem uma coberta coberta de fiapos mesmo no verão e há sempre uma mulher disposta a coletá-los todos diligentemente, mas também de modos muito dinâmicos e variados, e é isto o que causa o engajamento com o público, então doze horas e dois minutos é um tempo razável, diria até mesmo ideal, para contemplar uma mulher e seus borbotos devaneios cobertores fiapos coloridos, a não ser que eu encontre uma máquina superior à minha, a tal da máquina de dez euros ou até mais, porque temos de considerar a inflação, e eu realmente não sei qual o valor máximo que pode custar uma maquininha dessas, será que chega a vinte ou mesmo cinquenta euros se for uma versão *deluxe*, com engrenagens em ouro ou funcionamento robótico, acho que não chega a tanta tecnologia mas não tenho assim muitas informações sobre as opções das máquinas de borbotos, é algo que certamente devo averiguar antes da concretização da peça para ter mais embasamento técnico e o público não achar que eu sou uma farsa, inclusive porque meu desconhecimento recai



não apenas sobre valores mas também sobre velocidades e capacidade de armazenamento de fiapos, e mesmo sobre eventuais variações no funcionamento à pilha ou à bateria recarregável, são realmente muitas possibilidades para uma máquina tão simples que vou mesmo ter de enfiar a fuça nas bibliotecas públicas e rincões cibernéticos de fóruns especializados em aparelhos domésticos de pequeno porte, e imagina que coincidência se na ocasião do monólogo alguém da plateia ou até mesmo dos bastidores por acaso, des-cuido ou conveniência tenha uma máquina dessas jun-to consigo no bolso saco mochila ou mesmo na mão, as pessoas são capazes de tantas coisas até mesmo de levar uma máquina de retirar fiapos ao teatro porque se for uma máquina boa o suficiente e uma peça chata o suficiente há sempre o que se fazer, penso que essa pessoa hipotética pode pegar na sua máquina hipoté-tica e retirar os borbotos hipotéticos do seu próprio casaco hipotético ou até mesmo fazer uma gentileza hipotética e retirar do casaco da pessoa hipotética à sua frente sem ela perceber, é lógico, mas apenas se for uma máquina boa e silenciosa o suficiente porque do contrário todos à volta conseguem ouvir a máquina em ação e seria um grande distúrbio, de modo que sou uma grande entusiasta do aprimoramento da tec-nologia das máquinas de retirar fiapos pensando so-bretudo no seu uso em teatros mas não apenas, pois imagine o sucesso em elevadores escritórios filas variadas qualquer momentinho ali ao invés de consultar as redes sociais ou um jogo no celular a pessoa pega na máquina e retira um fiapo ou dois ou até mesmo dez a depender do tamanho da pausa da espera do tédio e do casaco blusa ou calça, eu mesma devo ter arran- do pelo menos uns duzentos e quarenta e dois fiapos da coberta, talvez até mesmo trezentos e dezesseis, mas vamos considerar a estimativa mais conservadora afinal sou uma mulher um pouco lenta, o que é uma mentira porque sou é mesmo muito lenta, alguns diri-am até mesmo lentíssima, tomo o tempo que tenho e o que não tenho em atividades sem finalidade alguma, talvez até haja um arquivo meu na CIA tamanho meu perigo ao capitalismo eficientista, passo todo o meu tempo a usar o máximo de tempo possível em ativid-a-

des inúteis como contar quantas pintas eu tenho no meu cotovelo esquerdo, nenhuma, ou então a imaginar os fiapos que arranquei e já nem existem mais quer dizer ainda existem mas estão numa sacola de lixo misturada a outros lixos de outras pessoas, talvez inclusive a outros fiapos de outras casas num grande encontro de tufos num lixão qualquer, que eu aliás nem sei para onde vão esses objetos todos que já estiveram assim tão próximos de mim me cobriram no frio me foram muito úteis me serviram tanto e eu descartei tudo joguei tudo fora e onde é que vai tudo isto, onde vão os fiapos todos e será que ficam de conversinha com os fiapos dos outros, é um tema que apenas conjecturo e que não passo muito tempo a pensar, coisa de três vezes a cada doze dias, ou dezenove horas num bimestre, ou cento e setenta vezes num ano bissexto, e agora de cabeça faço um cálculo rápido mas muito lentamente e penso que se eu, quer dizer, a máquina, arrancou duzentos e quarenta e dois fiapos daria uma média de 1,8 fiapos por minuto se eu passei duas horas e catorze minutos nesta minuciosa tarefa, e agora assim quando olho a estatística me parece certamente uma projeção conservadora e que arranquei muito mais do que isso, talvez tenha sido mesmo trezentos e dezesseis ou então dezoito, mas fatos são fatos e eu não estou aqui inventando nada, apenas faço suposições muito levianas e imaginárias com base em sensações reais, ou seja, só estou aqui falando verdades, e a verdade é que embora eu seja entusiasta da melhoria em geral dos aparelhos domésticos seria muito chato se alguém me emprestasse um retirador de fiapos muito potente e silencioso numa performance porque parte da graça de se fazer uma ópera barroca contemporânea em que se retiram tufos em palco é que o barulhinho da máquina confere uma dinâmica à ação toda, porque como eu já disse não é um barulho exatamente constante e igual, o motorzinho com suas lâminas dá uns pequenos saltos tipo assim uns *glomp* em meio aos *bizzzz* que é quando sabemos que um borboto foi de fato engolido e deglutido pela máquina, então o *glomp* é um barulho necessário porque sabemos que a máquina está sim a funcionar a todo o vapor, quero dizer, a toda a pilha, pois esta que tenho usa duas pilhas

tamanho AA, ou talvez três AAA já não me lembro mas não importa, e talvez eu tenha de trocá-las na próxima vez que eu for arrancar fiapos, inclusive seria lindo se acabasse a pilha no meio da peça, um grande e inesperado silêncio após uma infinidade de *bizzzz* e *glomp* e *bizzzzzzzz* e *glomp* que é seguido por uma frustração seguido por uma tensão que acumula neste que é o ápice da presente noite de estreia do estrondoso *talk show* de mim comigo mesma que produzo escrevo dirijo apresento e assisto, o grande momento que é o imprevisto e a busca por pilhas novas, eu por acaso sei onde estão as pilhas na casa onde eu moro, tanto as grandes quanto as menores, há umas seis unidades de AA e umas nove de AAA ainda na embalagem laranja na segunda prateleira de baixo para cima da estante do quarto, mas teria de deixar sempre umas à mão algures no cenário para que eu pudesse trocá-las durante o monólogo caso seja necessário, e se o for, que este pequeno contratempo de súbito silêncio não impeça o decorrer fluido e orgânico das palavras de uma mulher que tem muito a dizer, muitíssimas coisas, e todas de grande importância no mundo dos tufos e fiapos variados, não tenho dúvidas que este sermão de liturgia circense seja capaz de reunir inúmeros fãs pelas cidades onde vai passar na sua digressão pelo país, de modo que a ação toda de fato tem mesmo de ter aproximadamente dezesseis minutos e meio que foi o quanto demorei originalmente, mas neste tempo não se esqueça que está inclusa uma pausa para quem quiser tomar três copos de whisky assim como eu fiz, ou então também escrever uma peça infantil *neoshakespeareana* assim como eu também fiz, e tudo isto se passou numa sexta-feira agitadíssima mas não vejo impedimentos para que a ação decorra numa segunda-feira, numa terça ou até mesmo domingo, que talvez seja o dia mundial de retirar tufos de tecidos meio usados simplesmente porque também é o dia mundial do tédio doméstico, porque apesar de haver milhares de distrações neste mundo contemporâneo, a maioria delas convenientemente está localizada não numa coberta bege mas sim numa tela retangular e colorida e muito difícil de olhar para quem tem hipermetropia, o que não é o meu caso porque tenho miopia e um bo-

cadinho de astigmatismo, razão pela qual várias vezes peguei a cobertinha e o tirador de fiapos e levei bem perto do olho, inclusive quase arrancou um cílio meu sem querer, para tentar ver toda a ação bem de pertinho, além de toda a real composição de um tufo, coisa que até então me passou totalmente desapercebida e era um mistério para mim que nunca tinha de fato reparado num borbotinho sequer, e pensava menos ainda na própria ação empreendida pelo aparelho, coisa que na verdade sigo sem conseguir de fato analisar porque a própria máquina esconde o seu mecanismo e deixa pessoas curiosas como eu apenas imaginando o que de fato acontece por dentro do misterioso e eficiente equipamento desborbotizante, mas felizmente tenho a capacidade de pelo menos tentar visualizar tudo isso, o que os otários de hipermetropia não conseguem porque só conseguem ver de longe, e quem é que se-gura uma coberta ou uma máquina de retirar fiapos de longe para outra pessoa ver, talvez, talvez, talvez a única possibilidade seria o tal do espectador hipotético do monólogo que hipoteticamente traria sua máquina para o teatro, e aí poderíamos hipoteticamente imaginar uma performer com hipermetropia a observar de longe o espectador coincidentemente também a retirar tufos e justamente por ser longe e ter hipermetropia a pessoa ser capaz de ver toda a ação em detalhe, e seria mesmo bonito presenciar um ato de conexão aleatória e sincera entre duas almas através do mesmo ato da mesma máquina do mesmo desejo de arrancar fiapos, algo que só o teatro proporciona, mas também só a hipermetropia e o tédio doméstico, que neste caso seria tédio performático porque se passa no contexto artístico por se tratar de um canto gregoriano inteiro em si bemol, uma performance realmente fascinante e muito dinâmica, com espaço para a contemplação e para a partilha de curiosidades sobre um ato tão importante tão invisibilizado tão fulcral na conservação das estruturas sociais e domésticas que é o de tirar fiapos do cobertor com o qual se cobre o corpo todas as noites, espero que fique tudo muito macio e este espetáculo de circo contemporâneo seja um grande sucesso, meus parabéns muito obrigada. ↴



Betina Juglair é escritora e artista visual brasileira, vive em no Porto (Portugal) desde 2019. É bacharel em Direito (UNICURITIBA), mestre em Estudos de Arte - Teoria e Crítica de Arte (FBAUP) e doutoranda em Artes Plásticas (FBAUP). Sua produção cruza escrita, arquivo e fotografia a partir do corpo, da intimidade e do cotidiano. Escreve sobretudo prosa, mas também ensaios e textos críticos sobre arte. Publicada no Brasil e Portugal, em antologias literárias e revistas especializadas de arte e fotografia. Em 2025, o conto "Borbotos", publicado nesta edição do *Cândido*, foi vencedor na categoria de Literatura da Mostra Nacional de Jovens Criadores, organizada pelo Gerador, em Portugal, e no mesmo ano ganhou o prêmio de melhor crônica na Off-FLIP, no Brasil.

solamento

Julia Mateus

eu sempre tive um infinito amor pelas causas perdidas e te afirmo
[que isso só fica bonito
nas músicas e nos poemas clichês.
mas aqui, na vida real, isso dói
e naquele show daquela banda eu percebi que você foi mais uma
[das batalhas que eu
nunca nem tive chances de ganhar
você disse que gostava de planetas e eu fiz de tudo pra entrar no
[teu sistema solar
eu fui Marte quando você [disse que queria casar lá, fui Plutão quan-
[do não tive sua atenção
e fui Terra quando você precisou de chão.
e quando a cantora gritou no meio do show que
nada disso vai fazer você me olhar e
nada disso vai fazer você se apaixonar,
eu entendi.
você me disse que sua história preferida era *Icarus and the Sun*
e eu devia ter percebido que nesse nosso sistema solar você era o
[Sol
e, assim como Ícaro, eu ignorei todos os avisos de segurança por-
[que o seu brilho não é
algo que alguém como eu consegue evitar
e então eu cheguei perto o suficiente pra deixar você me ver quei-
[mar.
mas, antes das chamas, eu posso jurar que vi tristeza nos seus ado-
[ráveis olhos castanhos
quando, em um coro uníssono, a plateia gritou o refrão
não acho justo a vida me ensinar de um jeito tão cruel, como se fos-
[se só assim
pra entender que você não é pra mim.
e você me olhou como se quisesse que eu fosse capaz de vencer es-
[sa batalha,
porque ninguém nunca foi e é solitário ser o Sol.
e eu te olhei com olhos de quem sente sua dor
dói em você conhecer e atingir cada pedacinho do universo com
[seu brilho e não conseguir
se deixar ser atingida.
doeu em nós duas saber que o mesmo brilho que me atraiu me quei-
[maria no fim
e me doeu saber que, sepudesse, você queimaria por mim.
mas sabemos que isso nunca vai ser possível porque, meu bem,
você não quer deixar de ser o Sol
e, por mais brilhante que eu seja,

eu não quero começar a ser um.
os cosmos não teriam estruturas pra esse universo em que uma de
[nós não se queima
nesse universo sou eu,
em um outro seria você
em um terceiro
a história seria *Sun and the Sun*
e sabemos que esse nome não é tão bonito pra um poema.
pro equilíbrio ser mantido
a história precisa que nós sejamos inimigos
precisa ser nós contra nós
porque a outra opção
é nós contra o mundo
e o mundo não está preparado pra adversárias tão brilhantes.
o que nos restou foi esse caos particular
onde, por amor às causas perdidas,
eu fiquei pra me queimar
e, por amor às coisas que brilham,
você pediu pra eu me afastar.
a gente se olhou e entendeu,
em qualquer uma das opções,
aquele show seria nosso adeus
e, em uma coincidência milimetricamente calculada por aqueles que
[precisam manter a
ordem do planeta,
a cantora encerrou o show com o recado que o univer[so queria nos
[dizer
que agora é aceitar e me silenciar
e entender
que eu não sou pra você. ↪



Julia Mateus (1997) nasceu em Limeira (SP). É formada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Articula seus estudos sobre as ocupações humanas e as vivências cotidianas à escrita poética, entendida como forma de cartografar afetos, silêncios e deslocamentos. Publicou *Cartografia do Não-lugar* (2025) pela Andrômeda Editora, seu segundo trabalho autoral, que marca sua consolidação como poeta.

Stephen

Babi Ribeiro

Nos meus trabalhos costumo usar as minhas vivências como elemento principal: situações cotidianas, pessoas que encontro, alguma série ou livro que esteja lendo. Tudo o que observo acaba virando material para alguma charge ou quadrinho, usando o humor ou a ironia como ingrediente. As charges a seguir vêm de uma conversa entre amigos a respeito dos trocadilhos possíveis com o sobrenome do escritor Stephen King. ↪





STEPHEN SINK

STEPHEN THINK



STEPHEN PINK

STEPHEN LINK



STEPHEN MINK



STEPHEN DRINK

STEPHEN BLINK



STEPHEN INK



STEPHEN WIND



STEPHEN KINK



STEPHEN RING



STEPHEN SING



STEPHEN SWING



STEPHEN PING



STEPHEN BRINKS



STEPHEN MING



STEPHEN CRINGE



STEPHEN WINX



STEPHEN PRINCE





Babi Ribeiro (1989) nasceu em Curitiba (PR), é formada em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), cursa Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e trabalha no Setor de Preservação da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Ilustradora e quadrinista, tem o humor como base nos seus trabalhos.

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretaria da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Felipe Azambuja

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Betina Juglair

Babi Ribeiro

Caetano Negrão

Fausto Fawcett

João Lucas Dusi

Julia Mateus

Luna Madsen

Capa

Recorte impresso do tríptico "As tentações de Santo Antônio" (1500) de

Hieronymus Bosch, com intervenções em colagem por Iuri De Sá

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br | jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

instagram.com/candidobpp

facebook.com/jornalcandido



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

